

XV CONGRESSO DA FRENTE POLISARIO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Se existe uma larga unanimidade na sociedade saharauí quanto à necessidade de romper com o impasse em que as Nações Unidas deixaram cair o processo de descolonização do Sahara Ocidental, as propostas divergem quanto aos caminhos a seguir para ultrapassar este obstáculo.

Estas diferenças de visão têm vindo a ganhar uma maior acuidade nos últimos anos, alcançando, com a realização do XV Congresso da Frente POLISARIO, uma visibilidade maior. Hach Ahmed, porta-voz da Iniciativa Saharauí para a Mudança — de que já aqui tivemos a oportunidade de falar —, concedeu uma entrevista ao jornalista Pedro Canales para a ATALAYAR — uma publicação «que conta com a colaboração da Embaixada de Marrocos em Espanha»¹ — centrada na realização do Congresso e divulgada em 26 de Novembro passado. Dessa entrevista seleccionámos algumas perguntas e as respectivas respostas:



Fig. 1: XV Congresso da F. POLISARIO

ATALAYAR - O próximo congresso da Frente POLISARIO, anunciado para o mês de Dezembro, será importante ou passará à história como os anteriores, protocolar e desconhecido?

HA - A julgar pelos preparativos e métodos observados, sinceramente não vejo novidades nem na forma nem no conteúdo. Será mais um . . .

ATALAYAR - A corrente a que preside, a Iniciativa Saharauí para a Mudança (ISC), será admitida como tal dentro da Frente para participar no Congresso?

HA - Antes de mais, uma precisão: eu não presido. Aliás, esse cargo não existe. Eu sou apenas o porta-voz. Sim, de facto era essa a nossa intenção. Acreditamos que uma corrente crítica interna é essencial para corrigir o defice democrático que a POLISARIO vem a arrastar desde a sua fundação, há quase meio século. É uma necessidade histórica se levarmos em conta o acumular de erros e desacertos, alguns dos quais imperdoáveis, em que incorreram membros importantes da direcção da POLISARIO. Mais do que erros, alguns factos foram crimes de pleno direito, execuções extrajudiciais de pessoas inocentes.

¹ https://www.eldiario.es/politica/Nace-Atalayar-revista-Espana-Magreb_0_115488671.html: «A primeira edição da revista - 4 euros em Espanha, 30 dirham em Marrocos e 320 dinares na Argélia - traz na capa uma imagem dos monarcas Juan Carlos I e Mohamed VI para ilustrar uma entrevista com Lahcen Haddad, ministro do Turismo marroquino, que diz que "Mohamed VI pediu para ajudar a Espanha".»

A ISC pede que os supostos responsáveis sejam afastados e julgados e que uma Comissão da Verdade investigue o sucedido.

ATALAYAR - Receberam algum convite para participar, a título individual ou colectivo?

HA - Oficialmente não recebemos nenhum convite. Extra-oficialmente, muitos insultos e acusações através das suas redes e meios de manipulação da informação. Aparentemente, o núcleo duro que dirige a POLISARIO desde os anos setenta do século passado permanece alérgico a qualquer mudança ou opinião diferente ou adversa. De qualquer modo, já é tarde para convites. A nossa proposta era abrir, com tempo suficiente antes do Congresso, um diálogo e ir a uma Conferência ou Assembleia com poderes constituintes para rever e modificar alguns conteúdos dos Estatutos e do texto constitucional, a fim de adaptá-los aos novos tempos. Existem vestígios e formas de um passado totalitário que precisam de ser corrigidos. Aspiramos a introduzir novos ares no antigo sistema de partido único, uma maior abertura democrática, uma nova cultura política baseada na diversidade de ideias.

O correcto era passar por esta fase antes do Congresso. Infelizmente, a direcção da POLISARIO refugiou-se novamente nas suas trincheiras de resistência, perdendo a oportunidade de renovação e adaptação ao século XXI. Se a ISC não encontrar o seu lugar, como corrente interna reconhecida, numa POLISARIO democrática, não terá outra opção senão estabelecer-se como uma outra referência, não menos legítima ou representativa do povo saharauí. Esta é a proposta que defenderei pessoalmente na ISC. Não é a primeira vez que um movimento revolucionário que, originalmente, adquiriu a sua legitimidade por ter desencadeado a luta armada acaba por a perder parcial ou totalmente por má gestão, corrupção ou outras causas. Observámos isso na Frente Sandinista da Nicarágua, na OLP de Yaser Arafat e muito recentemente no Zimbabué por parte da Zanu, o movimento do ex-Presidente Robert Mugabe.

A nossa segunda Assembleia, prevista para o primeiro semestre do próximo ano, avaliará todos os cenários e as nossas opções para o futuro.

ATALAYAR - Existe algum indício que faça acreditar que a actual direcção da Frente permitirá a discussão sobre a democracia e o funcionamento interno no Congresso de Dezembro?

HA - Sinceramente estou pessimista. As nossas tentativas nos dois últimos chocaram contra um muro inexpugnável. É uma direcção que, durante décadas, encontrou na guerra e na excepcionalidade da situação desculpas para se abrigar dos ventos de mudança que sopraram de todos os pontos cardeais. Tornaram-se reféns de um sistema político e de um discurso ultrapassados que os fez perder credibilidade e oportunidades irrepetíveis. Tentam resistir até à força imparável das leis da biologia.

ATALAYAR - Acha que é um bom sinal a direcção de Brahim Ghali ter libertado os três bloguistas presos desde Junho?

HA - O que é um bom sinal foi a conduta irrepreensível dos magistrados que não se deixaram pressionar pelos responsáveis políticos. A detenção arbitrária dos três activistas é precisamente um exemplo do fracasso da POLISARIO em se adaptar aos novos tempos. Mesmo na Coreia do Norte, hoje é difícil reprimir as pessoas apenas por criticarem os governantes. Espero que tenham aprendido a lição. (...)

Dias depois o Primeiro Ministro da RASD, Mohamad Elouali Akeik, concedeu uma entrevista¹ a Gorka Andraka Ibargaray, jornalista de EL SALTO, onde o Congresso foi também um dos temas:

EL SALTO - De 19 a 23 de Dezembro, realizar-se-à em Tifariti, nos Territórios Libertados do Sahara Ocidental, um novo congresso no qual, entre outros tópicos, será discutido o cessar-fogo. Qual a responsabilidade da Frente POLISARIO pelo fracasso do plano de paz da ONU?

MEA - Tivemos e temos as nossas críticas internas. E não são poucas. A primeira é ter aceite o cessar-fogo sem qualquer garantia, aceite o plano de paz baseado apenas na confiança. E, no fim, vimos que não tínhamos muita experiência nisso porque as Nações Unidas não garantem nada. Então, essa primeira crítica vem daí. Não precisávamos de aceitar o cessar-fogo, tinham que ter continuado as negociações ainda em guerra até que um acordo fosse alcançado, e cumprido, entre as duas partes. Hoje, continua a dizer-se à Frente POLISARIO de que a situação actual é uma consequência da nossa decisão de ter aceite o que ainda não se tinha determinado ou garantido publicamente.

Por outro lado, também somos criticados pela longa espera por algo que desde o início se viu que não avançava nem avançaria. Criticam-nos ano após ano. Lembram-nos que a MINURSO, o Conselho de Segurança e a comunidade internacional não estão interessados numa solução. E isso é claro. Ano após ano, o plano de paz é prorrogado, mas sem limites, porque não há nada que incomode a ONU ou Marrocos. Enquanto isso, o povo saharauí é mantido lá com uma ração diária de pão e Marrocos é protegido para que fique calmo e silencioso, a saquear a riqueza do Sahara e a esperar por melhores momentos para acabar com esse conflito a seu favor. É por isso que somos criticados há muito tempo, porque não pomos fim a esta situação e voltamos à guerra. É a pressão que enfrentamos nos últimos 15 ou 20 anos. E tivemos dificuldade em convencer nos Congressos, que é onde a política é decidida e as decisões são tomadas, de modo a que nenhuma data e hora fossem definidas para o retorno à guerra. Nos últimos dois ou três Congressos custou-nos muito para que nos dessem outra oportunidade de alcançar uma solução pacífica para o conflito.

EL SALTO - Também criticam os dirigentes históricos por não deixarem as rédeas do governo nas mãos dos jovens.

MEA - Sim. Essa crítica tem sido feita nos últimos anos, de que a geração que começou é a que ainda lá está. Compreendemos bem essa mensagem e a nossa intenção é, gradualmente, fazer com que os jovens cheguem ao topo da direcção política de acordo com as suas experiências e capacidades. Não se pode fazer de repente porque a experiência também é necessária. Ao nível da direcção política somos todos favoráveis a essa transição, esse progresso, a essa mudança na direcção, tanto com jovens como com mais mulheres. Mas, ao mesmo tempo, também somos democratas, quando vamos às urnas só votam em nós os veteranos, mesmo que não o desejemos. E na nossa Constituição não nos é permitido renunciar. E depois, quando somos novamente eleitos, criticam-nos.

EL SALTO - Os jovens dizem para que vão concorrer se não têm possibilidades de serem eleitos.

MEA - Esse é o desafio, como criar essas possibilidades. Não é que não haja vontade. Garanto-lhe que há muita vontade de que participem e dêem uma nova dinâmica e energia à nossa política. Desejamos de todo o coração que neste Congresso haja uma boa mudança, uma boa percentagem, e trabalharemos para isso. Mas o problema é que aqueles que têm

estado aí são os mais conhecidos e as pessoas que vão às urnas dizem que a este não o conheço, não sei o que poderá fazer ... e fica um pouco receoso de deixar o futuro em novas mãos. Eu já não consigo resistir como resistia há 30 anos. Então era jovem, forte, podia ficar 24 horas sem descansar, mas hoje tenho menos força e capacidade.

EL SALTO - Não pode renunciar, mas pode não se candidatar.

MEA - Não. Nem isso. Não te candidatas, candidatam-te. No congresso elege-se um comité eleitoral de cerca de 100 pessoas, que é o que apresenta uma lista de candidatos. Nessa lista aparecem os que já lá estavam, adicionam-se mais dois terços e deixa-se a porta aberta para quem quiser candidatar-se. Mas não se te dá a oportunidade de excluir o teu nome da lista.

O Congresso foi antecedido de uma conferência preparatória que teve lugar em Tifariti, local onde decorreu o Congresso, na zona libertada, entre 15 e 18 de Dezembro.

No final dos trabalhos a agência SPS divulgou um despacho onde dá conta dos seus resultados:

«Durante três dias, mais de 2.000 participantes debateram a situação no Sahara Ocidental. As subcomissões, a comissão preparatória do Congresso, apresentaram, nesta ocasião, documentos e relatórios sobre a situação nos campos de refugiados saharauís, o impasse no processo de solução do conflito liderado pelas Nações Unidas, (...).

«No seu discurso na abertura da Conferência no domingo, o Presidente da República, Secretário-geral da Frente POLISARIO, Brahim Ghali, insurgiu-se contra o bloqueio do processo de resolução do conflito no Sahara Ocidental, denunciando o papel da França na manutenção de tal situação.

«O Presidente Ghali enfatizou que "este 15^o congresso da Frente POLISARIO deve ser uma oportunidade para transformações reais, através das quais o povo saharauí deixará claro que nada o desencorajará a continuar a sua justa luta e a usar todas as formas legítimas, até que a plena soberania seja recuperada em todo o território da República Árabe Saharauí Democrática (RASD)".

«Referindo-se aos desafios enfrentados pelo povo saharauí, o Sr. Ghali disse que "a situação actual requer uma avaliação cuidadosa e uma análise objectiva de todo o plano de acção nacional entre os dois congressos, em particular, e a situação da nossa luta de libertação, em geral. Temos que investir nos pontos fortes e, ao mesmo tempo, identificar as falhas para superá-las de maneira abrangente e ponderada"».

O jornalista Jose Carmona, do jornal PÚBLICO (de Espanha), acompanhou o desenrolar dos trabalhos do Congresso. Escreveu ele no dia 19: «Num evento que reúne as mais altas instâncias do partido e do governo saharauí, a Frente POLISARIO decidirá sobre três questões que parecem fundamentais: a recuperação da luta armada através de um reforço do Exército, o provar que o movimento tem mais vida para além da geração que travou a guerra contra Marrocos e a criação de instituições orgânicas pela transparência democrática». Chama a atenção para o facto de o local da reunião ser Tifariti, o «que tem uma enorme carga simbólica» para os saharauís: «era um território reconquistado durante a guerra com Marrocos e fica a cerca de 65 km do muro que separa as duas nações.»

Para Jose Carmona «O principal debate do XV Congresso da POLISARIO girará em torno de centrar, ou não, os esforços da nação no reforço do Exército. Ferida e diminuída desde o armistício, uma corrente da Frente POLISARIO considera essencial recuperar o espírito de luta para regressar aos

focos das notícias internacionais. A proposta teria como objectivo final o reinício do confronto militar, embora exclua fixar prazos para evitar derramamento de sangue no que hoje seria uma luta desigual.»

E acrescenta: «A luta pela libertação do povo saharauí está cada vez mais relegada para segundo plano. A Frente POLISARIO reconhece esse problema e apercebe-se de uma desmobilização entre as novas gerações. A organização detecta uma quebra geracional com aqueles que não conheceram ou não se lembram da luta armada contra Marrocos devido ao cessar-fogo acordado com base no plano de solução da ONU e da União Africana. Por isso, um dos objectivos do Congresso é o de iniciar um processo de integração dos jovens que os coloque em posições de comando e responsabilidade.

«O povo saharauí duplicou a sua população desde 1991, mas grande parte dos jovens tem como único objectivo a migração para a Europa como rota de fuga. A República, dirigida por Brahim Ghali (com 73 anos), quer que os jovens dêem mais força à luta para que esta não morra com eles. O exílio esgota e a inacção frustra. Neste aperto, encontra-se um povo que, sabendo que a África é um território de paciência e esquecimento, se divide entre recarregar as armas ou morrer no deserto.»

No dia seguinte (20 de Dezembro) Jose Carmona continuou na sua abordagem ao Congresso sob o título «Miragens de guerra no sul de Marrocos». Segundo ele, os saharauís

«Há muito tempo que clamam por atenção diplomática para renegociar a paz com Marrocos, embora a inacção dos últimos 28 anos tenha provocado a intensificação do discurso. Há um momento em todas as histórias em que as ameaças vão além da sua própria ficção e tornam-se uma cruel realidade. (...).

«Não é novidade que a Frente ameaça com um ultimato, apesar de Ghali querer deixar claro que haveria que "repensar o compromisso com o processo de paz", uma nuance que confirma o mal-estar generalizado com a Europa. "Planeamos usar todos os meios à nossa disposição para impor as nossas aspirações legítimas à independência", argumentou ele (...).

«A tensão das palavras do presidente contrasta com a cautela daqueles representantes que falam onde o seu povo não os pode ouvir. Perante os microfones ligados exortam à guerra para mostrar que nem tudo está perdido, embora uma vez estes desligados nem querem pensar em lutar contra Marrocos.

«Fontes de uma delegação do partido desdizem o presidente e garantem que não estão em condições de lutar, já que primeiro seria necessário executar um plano que equipe e prepare o Exército. Qualquer outra coisa seria um K.O. ao primeiro assalto. "Estamos cansados da estagnação, mas isso não significa que vamos optar por uma acção militar", esclarece o ministro da RASD para o relacionamento com as nações da África, Handi Meyara. O político vê o discurso de Ghali, beligerante e impaciente, como uma resposta à atitude dos dirigentes marroquinos. (...).

«Sentimos que somos a vítima silenciosa das potências europeias, especialmente de Espanha e França, que protegem Marrocos, e isso é inaceitável», afirma o ministro.»

E conclui o jornalista: «A guerra é uma opção cada vez mais real para uma geração que tem vivido em precariedade e esquecimento, mas longe da violência militar. "A guerra nunca é uma opção desejada, mas somos obrigados a seguir esse caminho para defender os nossos direitos", diz Meyara, (...).»

O Congresso foi prolongado por mais 48 horas a fim de permitir o apuramento de votos para os órgãos superiores da Frente POLISARIO. Sem surpresas Ghali foi reeleito com 86% dos votos. Um pequeno e ridículo incidente foi despoletado por Marrocos que apontou logo o dedo à ONU.

Intimidado, o Secretário-geral Guterres mandou o seu porta-voz, o francês Stéphane Dujarric, prestar esclarecimentos à imprensa.

Como relatou o jornalista Jesús Cabaleiro Larrán,

«A breve presença de dois observadores militares da Missão das Nações Unidas para o Referendo no Sahara Ocidental (MINURSO) no 15^o Congresso da Frente POLISARIO, (...), motivou a necessidade de uma explicação por parte das Nações Unidas na sequência de ataques desferidos por Marrocos, que chegou a qualificar o ocorrido de “escândalo”.

«Esta presença “não implica nenhuma posição política” da MINURSO que continua a ser “estritamente imparcial no desempenho do seu mandato”, declarou o porta-voz do Secretário-geral da ONU.»